

MOTIVAÇÃO SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DA AUTODETERMINAÇÃO: UM ESTUDO DA MOTIVAÇÃO DE ALUNOS DO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS

PLÍCIA ARAÚJO DE OLIVEIRA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS

CARLOS RENATO THEÓPHILO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS

IGOR VELOSO COLARES BATISTA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS

SIMARLY MARIA SOARES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS

RESUMO

A motivação é identificada com um conjunto de determinantes ambientais, de forças internas e de incentivos que movem o indivíduo a realizar determinada tarefa. A Teoria da Autodeterminação, descrita por Deci e Ryan (1985), baseia-se na concepção de que a motivação se relaciona à busca do atendimento de necessidades psicológicas básicas e tem inspirado diversas pesquisas na área de educação. O presente estudo teve como objetivo identificar, com base nessa teoria, qual o nível de motivação de acadêmicos do ano de 2008, do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes – MG. Foi empregada a estratégia de pesquisa de levantamento. O instrumento de coleta de dados, denominado Escala de Motivação Acadêmica – EMA, idealizado por Vallerand e Cols (1992) compreende uma escala constituída de 28 afirmativas, correspondentes a um dos sete tipos de motivação: Extrínseca por Controle Externo; Extrínseca por Introjeção; Extrínseca por Identificação; Desmotivação; Intrínseca para Vivenciar Estímulos; Intrínseca para Realização e Intrínseca para Saber. Os resultados revelam altos níveis de motivação dos alunos. E a coincidência na aderência das repostas com determinados tipos de motivação, por parte de alunos de períodos iniciais e de alunos de períodos finais do curso. Por outro lado, alertam para menores níveis de motivação dos alunos mais veteranos e para um menor nível do tipo de motivação ligada ao prazer com a universidade. A busca de conhecimento sobre a motivação dos estudantes universitários é uma importante medida da efetividade dos cursos. Os resultados dessas pesquisas fornecem importantes subsídios aos responsáveis e interessados em se atingirem os propósitos a que os cursos se destinam.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Antecedentes do Problema

São diversos os conceitos de motivação e geralmente se torna difícil chegar a um consenso sobre seu significado. O construto motivação pode ser entendido como

determinantes ambientais, forças internas (necessidades e desejos) e incentivos que movem o organismo a executar uma determinada tarefa. A motivação vai além do comportamento e além dos fatos; compreende as propriedades e características do comportamento de forma analítica sem levar este termo a distorções de ordem, classificação e conceitos. (WITTER e LOMÔNACO, 1984).

A motivação é objeto de estudo da Psicologia. Existem diferentes teorias da motivação, derivadas de quatro movimentos principais: behaviorista, cognitivista, humanista e psicanalítico. As teorias podem ser influenciadas por mais de um desses movimentos. (PENNA, 2001).

Diversos pesquisadores vêm investigando a motivação em relação a sua definição e características. Até nos dias atuais existem muitas controvérsias relacionadas com fatores e teorias sobre seu desenvolvimento. Muitos foram os seus pensadores e contribuintes. A motivação é fundamental para todos os aspectos da vida. (MALAVASI e BOTH, 2005).

Na área de negócios, destacam-se vários estudos relacionados à motivação. Sampaio (2004), em seu estudo, buscou analisar a cultura organizacional e a motivação dos voluntários numa organização de terceiro setor. Concluiu que a motivação deu-se por contatos interpessoais, visando a afiliação e as trocas afetivas e consistência interna com enriquecimento da auto-imagem.

Reis Neto (2004), buscou identificar a influência da remuneração variável na motivação e desempenho dos empregados. Uma das conclusões é que o plano de remuneração variável exige mais vontade e disposição para o trabalho. A pesquisa baseou-se na teoria da Expectativa (Vroom, 1964), em que as crenças e expectativas das pessoas em relação ao trabalho combinam-se com as forças de seus desejos para produzir algum tipo de motivação.

Acceta, Quelhas e Zotes (2004) pesquisaram a motivação de pessoas como fator crítico de sucesso para a garantia da qualidade. Concluíram que a motivação é um estado cíclico e constante na vida pessoal. Intensas são as mudanças que se configuram no comportamento de cada indivíduo dentro e fora da organização. O aspecto humano merece cada vez mais atenção e a motivação e a satisfação são os pontos mais importantes neste processo.

Dentre as concepções teóricas de motivação, a Teoria da Autodeterminação é recente, tendo sido divulgada por Deci, Ryan e seus colaboradores, na obra *Intrinsic Motivation and self-determination in human behavior*, publicado em 1975. As bases dessa teoria situam-se no estudo dos componentes de motivação intrínseca e de motivação extrínseca. Os motivos intrínsecos resultam da própria vontade do indivíduo; é uma forma de pensar e de agir que cada ser humano traz dentro de si. Os motivos extrínsecos dependem de fatores externos. (DECI e RYAN, 1985)

Segundo Guimarães, Bzuneck e Boruchovitch (2003), as pesquisas na área da motivação escolar são recentes e representam um percurso a ser percorrido, embora diversos autores estejam sendo levados a trabalhar na identificação dos fatores que promovem ou que podem comprometer a motivação dos alunos.

A Teoria da Autodeterminação tem inspirado diversos estudos na área de educação no Brasil (dentre outros, Sobral, 2003; Guimarães, Bzuneck e Boruchovitch, 2003; Guimarães e Boruchovitch, 2004). As pesquisas investigam a motivação de professores e alunos. Os princípios dessa Teoria são pertinentes para estudos dessa natureza, na medida em que as diferentes manifestações de motivação têm implicações no processo de ensino-aprendizagem.

O presente estudo surgiu do interesse em buscar conhecimento sobre a motivação de alunos do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, de Minas Gerais. O contato com pesquisas que estudaram a motivação de acadêmicos de cursos de nível superior inspiraram o desenvolvimento desta investigação.

1.2 Problema de Pesquisa

Este estudo se pauta na busca de resposta para a seguinte questão de pesquisa:

Qual o nível de motivação de acadêmicos do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, sob a perspectiva da Teoria da Autodeterminação?

1.3 Objetivo do Estudo

Identificar, com base na Teoria da Autodeterminação, o nível de motivação de acadêmicos do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Movimentos da Psicologia Motivacional

Para Davidoff (2001), o Século XX foi o palco dos surgimento de movimentos diferentes que influenciaram as teorias motivacionais. Indica que nos dias atuais os psicólogos não mais integram movimentos específicos, mas se identificam com um dos segmentos: behaviorista, cognitivista, humanista ou psicanalítica.

2.1.1 Visão Behaviorista

Este movimento que dominou a Psicologia por trinta anos nasceu quando John Watson, em 1912, começou a dar palestras, escrever e estudar sobre métodos, objetivos e comportamentos observáveis. As premissas dos primeiros behavioristas eram:

- Estudar os eventos ambientais (estímulos e respostas).
- Aprender pela experiência dos comportamentos observáveis.
- Usar a experimentação e a observação e não a introspecção.
- Estudar os comportamentos dos animais (simples) e os comportamentos complexos paralelamente, pois os organismos simples são de mais fácil entendimento.
- Utilizar a explicação, descrição, predição e controle.

Conforme sua evolução, o behaviorismo ampliou suas concepções e ainda hoje psicólogos e seguidores investigam estímulos, respostas observáveis e aprendizagem. (DAVIDOFF, 2001).

O behaviorismo estuda fenômenos subjetivos que variam de pessoa para pessoa, como amor, afeição, empatia, estresse e sexualidade. A característica principal desse movimento é o uso de métodos relativamente objetivos, e quesitos precisos e claros na condução de pesquisas. Sendo a motivação vista pelos autores behavioristas “como termo global e pouco científico para designar a influência de uma variedade de estados fisiológicos sobre o comportamento”. (WITTER e LOMÂNOCO 1984).

2.1.2 Visão Cognitiva

Na década de 1970, os psicólogos rejeitaram parte da filosofia behaviorista. Eles procuraram entender as particularidades da mente, “a cognição”. A atividade cognitiva é uma união de habilidades práticas adquiridas com o tempo. Segundo Davidoff (2001, p.14), suas principais premissas são:

- Os psicólogos devem concentrar-se em processos estruturais e funções mentais. É a mente que dá ao comportamento seu caráter distintivamente humano.
- A psicologia deve ter como objetivo conhecimento e aplicações práticas. Por meio de um maior entendimento sobre a memória, por exemplo, pode-se melhorar o ensino.
- A auto-observação ou introspecção e os auto-relatos são úteis. Todavia há uma tendência para métodos objetivos.

2.1.3 Visão Humanista

Segundo esse movimento, as pessoas vêem o mundo de sua própria e única perspectiva. Abrahan Maslow foi o porta-voz líder da psicologia humanista. Estudou as características da personalidade e satisfação pessoal. Segundo Chiavenato (1994; 1999), as premissas dos humanistas são:

- Os humanistas ajudam as pessoas a entender o seu comportamento e a se desenvolver.
- Os psicólogos estudam o ser humano como um todo e suas motivações, aprendizagem e percepção.
- Os problemas humanos são objetos de investigação, como por exemplo: objetivo de vida, compromisso, satisfação e criatividade. Os humanistas enfatizam o individual, o excepcional e o imprevisível.
- Utilizam técnicas científicas objetivas e subjetivas, e usam vários instrumentos de pesquisa, como a introspecção e análise de literatura.

2.1.4 Visão Psicanalítica

Sigmund Freud, médico Vienense, foi o criador desta teoria. Ele analisou o consciente e o inconsciente do ser humano e acredita ser esta a chave para o sucesso. Analisava todo o material que emergia à procura de desejos, medos, conflitos, impulsos e memórias que estavam além da consciência do paciente. Na formulação de suas idéias, Freud valeu-se de análise e auto-observação. Essa teoria despertou interesse em áreas ignoradas pela ciência, tais como: motivação inconsciente, personalidade, comportamento anormal e desenvolvimento infantil. Suas principais concepções são: (SCHUTZ E SCHUTZ, 2001; ALVES, 1999)

- Os psicólogos devem tratar os distúrbios mentais e determinantes da personalidade.
- O inconsciente é importante fator da personalidade.
- O psicólogo analisa e interpreta os dados e observa o comportamento a partir do que é relatado pelo seu paciente através de sua personalidade.

2.2 Teorias da Motivação

As teorias da motivação são derivadas dos movimentos Behaviorista, Cognitivista, Humanista e Psicanalítico. Podem ser também influenciadas por mais de um desses

movimentos ou por vários pensadores e psicólogos e buscam explicar os fatores relacionados com a maneira de ser e de agir do ser humano.

São encontradas diversas propostas de classificação para as teorias da motivação. Dentre elas, a apresentada por Penna (2001) é completa e abrangente. Segundo o autor, as teorias motivacionais podem ser classificadas em 11 vertentes: Teoria do Drive, Teoria Psicanalítica, Teoria Clássica, Teoria de Kurt Lewin, Teoria sobre a Concepção de Tempo, Teoria Cognitiva, Teoria Intrinsecamente Motivada, Teoria Relacional de J. Nutin, Teoria de Maslow, Teoria dos Motivos de Allport e a Teoria Motivacional de Murray.

2.3 Teoria da Autodeterminação

Deci e Ryan (1985) e seus colaboradores desenvolveram a Teoria da Autodeterminação. Os autores afirmam que as pessoas necessitam se sentirem competentes e autodeterminadas para estarem intrinsecamente motivadas. Contrapõem as idéias de outras teorias segundo as quais todo comportamento seria função da satisfação de necessidades fisiológicas. Propõem o conceito de “necessidades psicológicas básicas”, apontadas como determinantes do comportamento intrinsecamente motivado.

O estudo do conceito de motivação intrínseca vem desde 1975, com as proposições de White a respeito do envolvimento das pessoas em atividades apenas pela busca de eficácia ou de competência. A essas pesquisas se juntaram os estudos de Charms sobre as abordagens comportamentais humanas. (GUIMARÃES e BORUCHOVITCH, 2004).

A maior parte dos estudos divulgados sobre motivação humana ateu-se especialmente à pesquisa dos fins ou objetivos motivacionais perseguidos pela grande maioria das pessoas. Embora se tenham mostrado de alguma forma úteis, esses estudos parecem ter-se orientado para a investigação de aspectos mais superficiais, isto é, apenas aparentes da psicodinâmica motivacional. Grande número de trabalhos publicados sobre o assunto atendeu a aspectos mais pragmáticos. O mais importante para eles seria poder conhecer o que motiva, em lugar de investigar como se dá o comportamento motivacional. (BERGAMINI, 1997, p. 81)

Na Teoria da Autodeterminação as motivações dos indivíduos diferem e são determinadas e orientadas por contextos que dão subsídios a necessidades psicológicas; postulam a autonomia, competência e conectividade dos seres que podem variar em relação ao nível e tipo de motivação. Nesse contexto surge o porquê de querer fazer algo por prazer e a intensidade de realizar uma tarefa no sentido de estar intrinsecamente motivado e também por consequência ou devido a outras variáveis envolvidas, na situação de estar extrínseco motivado. (SOBRAL, 2003).

A Teoria da Autodeterminação busca entender os componentes da motivação intrínseca e da motivação extrínseca e os fatores que resultam com sua promoção. Nessa perspectiva, é essencial a satisfação das necessidades psicológicas. Esta teoria adota como necessidades básicas de realização a autonomia, a competência e o vínculo. É fundamental para a auto-realização que essas necessidades sejam satisfeitas. (GUIMARÃES e BORUCHOVITCH, 2004)

As motivações intrínseca e extrínseca são de fundamental importância em todos os aspectos da vida, sendo presentes em todo o comportamento humano e resultam no desenvolvimento do aprendizado, sendo vistas de forma global. São oriundas das necessidades psicológicas de competência e de determinação. (FERNANDES e RAPOSO, 2005).

Segundo Bzuneck e Guimarães (2007, p. 415):

A motivação extrínseca aproxima-se muito da própria motivação intrínseca em seu grau de autodeterminação, mas não coincide com ela, já que na regulação integrada, o que sustenta a realização da atividade é a sua importância para a obtenção de metas e valores internalizados pela pessoa. Em contrapartida, na motivação intrínseca o interesse pessoal está na atividade em si mesma, estando inserido o componente de interesse e de prazer.

De acordo com a Teoria da Autodeterminação, os fatores ambientais afetam a motivação intrínseca com os processos cognitivos, ou seja, os comportamentos serão influenciados pelo sistema social e contextual no qual estamos inseridos e vislumbra atender a três necessidades básicas: competência, autonomia e vínculo de relacionamento. Entende-se, assim, que “a motivação seja um impulso que venha de dentro e que tem, portanto, suas fontes de energia no interior de cada pessoa”. (BERGAMINI, 1997, p.83)

Os princípios e pressupostos da teoria da Autodeterminação são essenciais para o processo da educação profissional. A aprendizagem é desfecho de uma realização educacional. “A aprendizagem é, afinal, um processo fundamental da vida. Todo indivíduo aprende e, através da aprendizagem, desenvolve os comportamentos que o possibilitam viver”. (CAMPOS, 1987 p.15).

A importância da motivação no processo educativo é largamente reconhecida. Torna-se então pertinente a compreensão das necessidades dos alunos, pois a falta de motivação resulta em fatores negativos como tensão emocional, aborrecimento, fadiga e pouca aprendizagem. Grande parte das dificuldades da escola tem origem nos problemas de motivação. (CAMPOS, 1987).

A motivação do aprender é direcionada por um fator interno, que dinamiza como uma condição prévia para a aprendizagem. Considera o estado interno (as habilidades para aprendizagem e motivação) e também são levados em conta os fatores externos, isto é os demais componentes do ensino. Na realidade, a motivação específica sobre a forma prática é relativa a cada indivíduo e direciona os objetivos do conteúdo individual e grupal. Assegura a motivação positiva no que se refere à educação e estabelece o que leva o indivíduo a buscar conhecimento. A motivação abrange uma concepção ampla, compreendendo a relação com a família e a sociedade e os reflexos no comportamento humano. Assim sendo esses e outros fatores refletem na vida do aluno, pois o homem é movido de emoções. (GAGNÉ, 1974).

3. METODOLOGIA

A estratégia de pesquisa empregada é o levantamento e a técnica de coleta de dados, o questionário.

Os sujeitos da pesquisa são os acadêmicos do 1º, 2º, 7º e 8º períodos, do ano de 2008, do Curso de Ciências da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes. A escolha desses períodos foi feita com a intenção de se definirem dois grupos: um de alunos dos primeiros períodos (1º e 2º) e outro de alunos dos últimos períodos (7º e 8º). O propósito foi de analisar o nível e a orientação de motivação dos alunos em diferentes estágios do curso, para efeito de comparação.

A população de estudo é composta de 131 acadêmicos. Os questionários foram respondidos por 110 alunos. Desses respondentes, 62 são alunos dos primeiros períodos e 48, alunos dos últimos períodos.

O formulário usado na coleta de dados é denominado Escala de Motivação Acadêmica – EMA (APÊNDICE 1). O instrumento, idealizado por Vallerand e Cols (1992; 1993) e

adaptado por Sobral (2003), tem mostrado propriedades psicométricas robustas em vários estudos, em termos de consistência interna, estabilidade temporal e validade de construto.

A escala é constituída de 28 afirmativas (itens), organizadas em 4 grupos de 7 afirmativas: de 1 a 7; de 8 a 15; e assim por diante. Cada grupo contém uma afirmativa correspondente a cada um dos sete tipos de motivação definidos na Teoria da Autodeterminação:

1. Motivação Extrínseca Controle Externo: sentir-se pressionado por algo ou por alguém;
2. Motivação Extrínseca Introjeção: fazer algo porque se pressiona a fazer;
3. Motivação Extrínseca Identificação: fazer algo porque decidiu fazer;
4. Desmotivação ou ausência de motivação;
5. Motivação Intrínseca para Vivenciar Estímulos: fazer algo a fim de experimentar sensações;
6. Motivação Intrínseca para Realização: fazer algo pelo prazer e pela realização pessoal e descoberta de coisas novas;
7. Motivação Intrínseca para Saber: fazer algo pela satisfação de aprender e por entender o que quer do futuro.

Os respondentes da pesquisa não tiveram conhecimento dessa organização da escala. Deveriam apontar a intensidade ou nível de correspondência – níveis de 1 a 5 - em relação a cada afirmativa apresentada: “nenhuma correspondência”; “pouca correspondência”; “moderada correspondência”; “muita correspondência” e “total correspondência”.

A análise das respostas para cada grupo de acadêmicos – alunos dos primeiros períodos e alunos dos últimos períodos -, considerando o caráter nominal das variáveis do instrumento de coleta de dados, foi feita por meio da análise das distribuições de frequências relativas e do cálculo das modas para cada afirmativa, considerando tratar-se de uma escala de variáveis nominais.

4. ANÁLISE DE RESULTADOS

A seguir, são discutidos os resultados obtidos com a análise dos questionários, considerados os dois grupos de alunos antes referidos.

4.1 Motivação Extrínseca Controle Externo

A Motivação Extrínseca Controle Externo identifica-se com fazer algo porque se sente pressionado por algo ou alguém a fazê-lo. As afirmativas do instrumento de coleta de dados identificadas com esse tipo de motivação são: “porque preciso do diploma, ao menos, a fim de conseguir uma ocupação bem remunerada no futuro”; “a fim de obter um emprego de prestígio, no futuro”; “porque quero levar uma boa vida no futuro” e “a fim de ter uma boa remuneração no futuro”. Os resultados encontrados são mostrados no Gráfico 1:

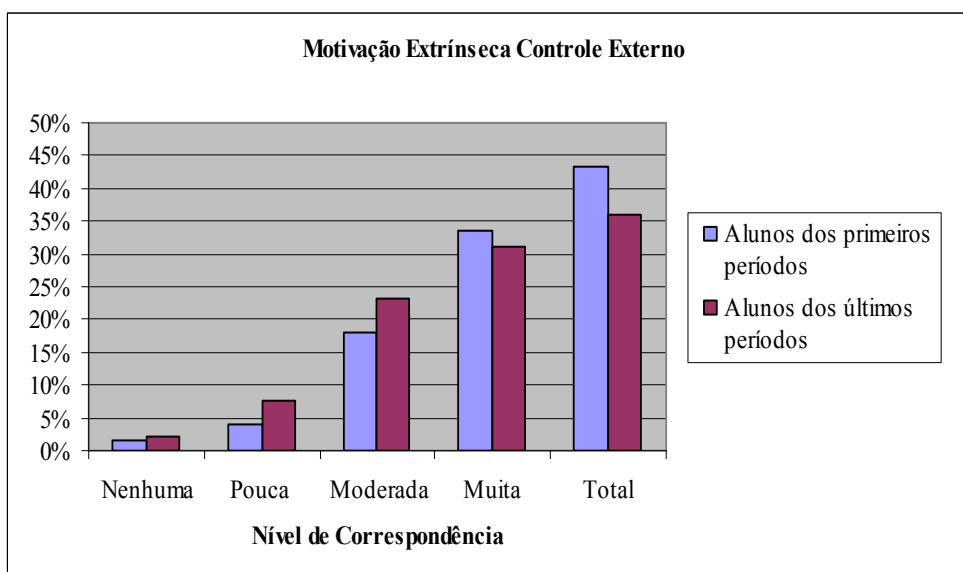


GRÁFICO 1: Níveis de correspondências atribuídos pelos respondentes para afirmativas relacionadas à Motivação Extrínseca - Controle Externo

Fonte: Elaboração Própria

Os resultados demonstram grande identificação das respostas com a Motivação Extrínseca - Controle Externo. Em ambos os casos, as distribuições de frequências se comportam em escalas ascendentes, com a classe modal situando-se no mais alto nível, de “Total Correspondência”. Os percentuais são de 43% para os alunos dos períodos iniciais do curso e de 36% para os alunos dos últimos períodos.

Os altos níveis de correspondência com as afirmativas relacionadas denotam a influência que fatores externos – no caso específico, relacionados aos propósitos de conquista de boa vida, ocupação bem remunerada e prestígio – têm na motivação dos acadêmicos com o curso.

4.2 Motivação Extrínseca Regulação por Introjeção

A Motivação Extrínseca - Regulação por Introjeção corresponde a fazer algo porque o indivíduo se pressiona a si próprio a fazê-lo. As questões identificadas com esse tipo de motivação são: “para provar para mim mesmo que sou capaz de completar o curso”; “por causa do fato que me sinto importante quando sou bem sucedido na universidade”; “para mostrar a mim mesmo que sou uma pessoa inteligente” e “porque quero mostrar a mim mesmo que posso ter sucesso nos meus estudos”. O Gráfico 2 indica os resultados encontrados.

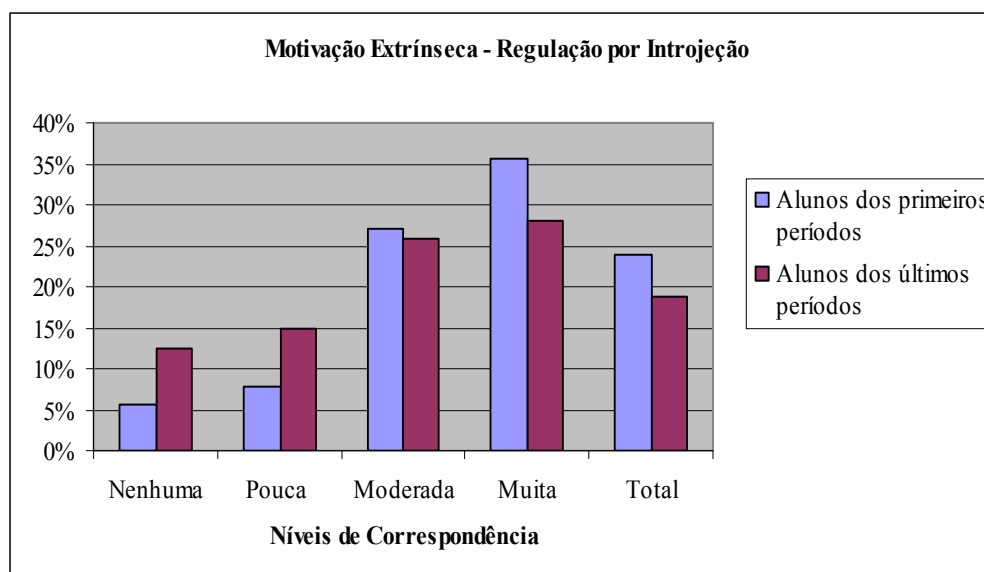


GRÁFICO 2: Níveis de correspondências atribuídos pelos respondentes para afirmativas relacionadas à Motivação Extrínseca de Regulação por Introjeção

Fonte: Elaboração Própria

Embora os resultados demonstrem altos níveis de correspondência das respostas dos acadêmicos com afirmativas relacionadas à Motivação Extrínseca - Regulação por Introjeção, esses são inferiores aos obtidos para a Motivação Extrínseca - Controle Externo, antes discutida.

Tanto a distribuição de frequências do grupo de alunos dos períodos iniciais quanto a distribuição do grupo de acadêmicos de estágios mais adiantados do curso têm como classe modal a alternativa “Muita Correspondência”, com percentuais de 36% e 28%, respectivamente.

4.3 Motivação Extrínseca por Identificação

Fazer algo porque decidiu fazer configura o sentido da Motivação Extrínseca por Identificação. No formulário, as questões que expressam esse tipo de motivação são: “pelo prazer que sinto quando supero a mim mesmo no estudo”; “pelo prazer que sinto quando supero a mim mesmo em algumas de minhas realizações pessoais”; “pela satisfação que sinto quando estou no processo de realização de atividades acadêmicas difíceis” e “porque a universidade me permite sentir uma satisfação pessoal na minha busca por excelência na formação”. A distribuição de frequência das respostas é mostrada no Gráfico 3.

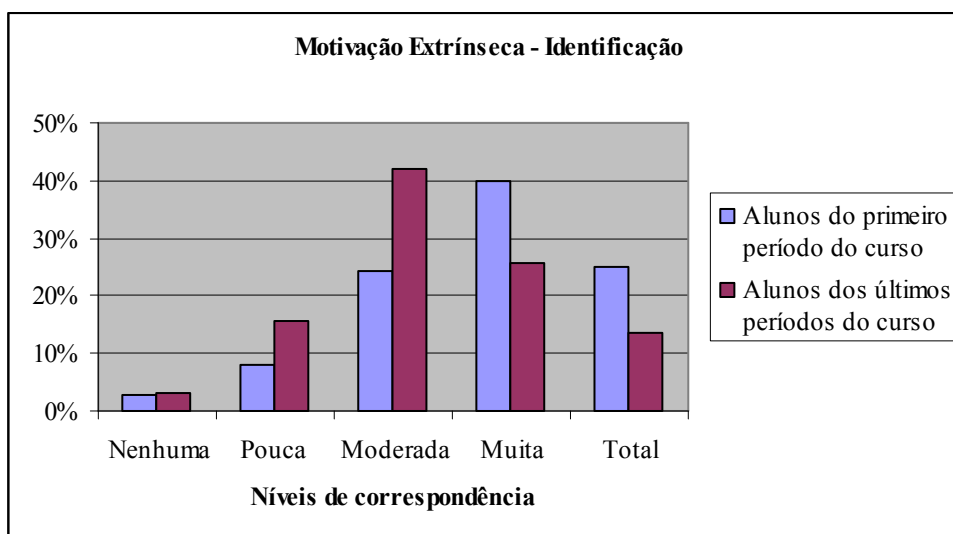


GRÁFICO 3: Níveis de correspondências atribuídos pelos respondentes para afirmativas relacionadas à **Motivação Extrínseca por Identificação**

Fonte: Elaboração Própria

Para o grupo de alunos dos períodos iniciais a classe modal situa-se na alternativa “Muita Correspondência”, com percentual de 40%. A distribuição do grupo de alunos dos últimos períodos, por sua vez, tem maior frequência na alternativa “Moderada Correspondência”, com percentual de 42%.

Essa tendência se reforça, sendo as segundas alternativas com maiores frequências: “Total Correspondência” para os alunos dos períodos iniciais e “Muita Correspondência”, para os alunos dos períodos mais adiantados.

4.4 Desmotivação

A Desmotivação implica ausência de percepção de contingências entre as ações e seus desfechos, isto é, falta de motivos intrínsecos e extrínsecos. As afirmativas identificadas com a desmotivação são: “honestamente, não sei; acho que estou perdendo meu tempo na universidade”; “já tive boas razões para isso; agora, entretanto eu me pergunto se devo continuar”; “não atino (percebo) porque venho à universidade e, francamente, não me preocupo com isso” e “não sei; não entendo o que estou fazendo na universidade”. (Gráfico 4)

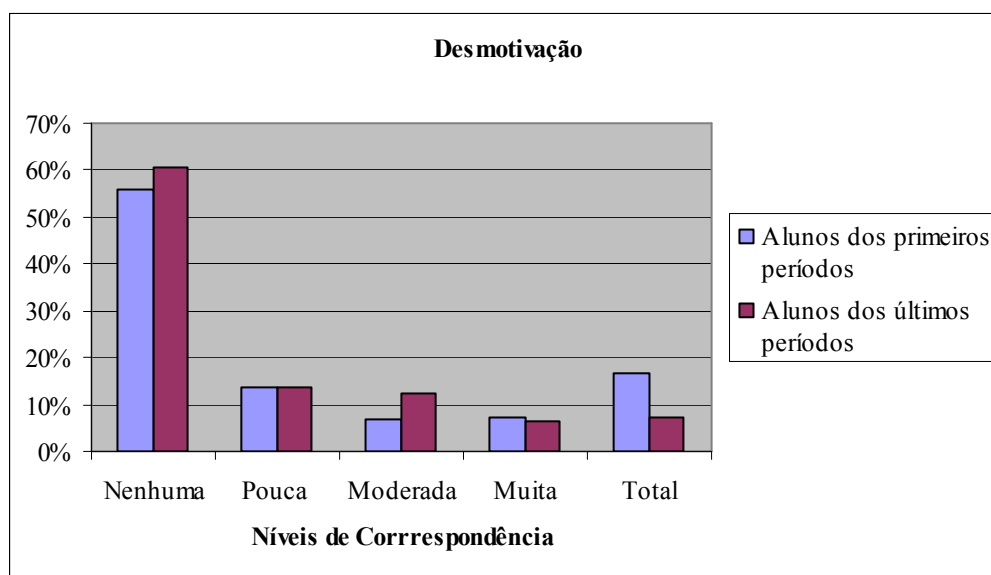


GRÁFICO 4: Níveis de correspondências atribuídos pelos respondentes para afirmativas relacionadas à Desmotivação

Fonte: Elaboração Própria

O resultado revela ênfase na alternativa “Nenhuma Correspondência”, por parte de ambos os grupos de alunos com relação às afirmativas relacionadas à Desmotivação. Nessa resposta, os percentuais dos alunos de períodos mais adiantados do curso (60%) foi superior aos dos alunos dos primeiros períodos (56%).

É importante destacar que esse resultado é condizente com o fato de todas as outras respostas, relacionadas a diferentes tipos de motivações, apresentarem elevados níveis de correspondência.

4.5 Motivação Intrínseca para Vivenciar Estímulos

A Motivação Intrínseca para Vivenciar Estímulos relaciona-se com o fazer algo para experimentar sensações estimulantes, de natureza sensorial ou estética. (Gráfico 5)

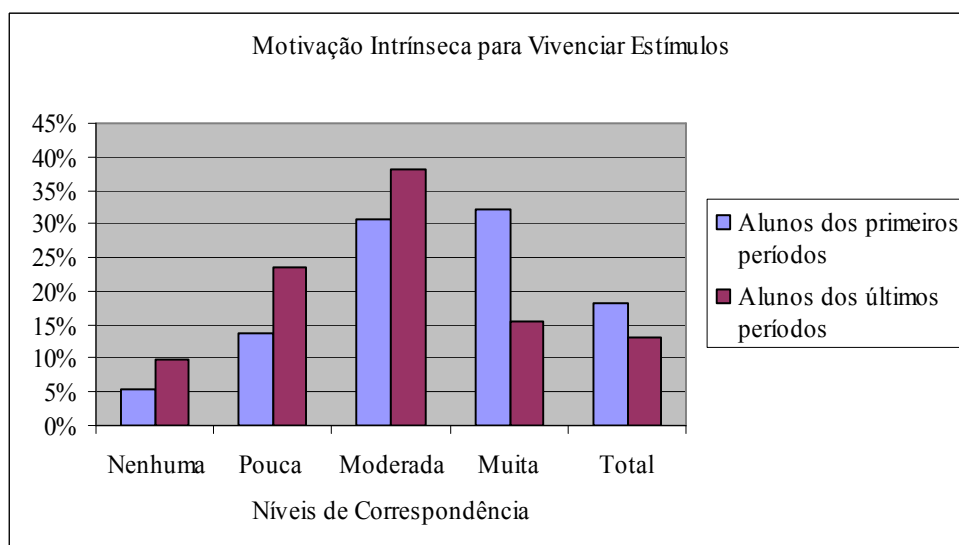


GRÁFICO 5: Níveis de correspondências atribuídos pelos respondentes para afirmativas relacionadas à Motivação Intrínseca para Vivenciar Estímulos

Fonte: Elaboração Própria

As classes modais no caso da Motivação Intrínseca para Vivenciar Estímulos são de “Moderada Correspondência” (38%) para os alunos dos últimos períodos e de “Muita Correspondência” (32%) para os acadêmicos dos primeiros períodos (embora a classe de “Moderada Correspondência” tenha apresentado percentual bastante próximo deste).

Chama a atenção o fato de os níveis de correspondência com esse tipo de motivação terem sido os menores dentre os analisados, especialmente por essa modalidade estar relacionada com afirmativas como: “porque gosto muito de vir à universidade”; “porque para mim a universidade é um prazer”; “pelo prazer que tenho quando me envolvo em debates com professores interessantes” e “pela euforia que sinto quando leio sobre vários assuntos interessantes”.

4.6 Motivação Intrínseca para Realização

A Motivação Intrínseca para Realização significa fazer algo pelo prazer e satisfação que decorre da busca de realização ou criação de coisas. Os resultados das respostas relacionadas a esse tipo de motivação estão demonstrados no Gráfico 6:

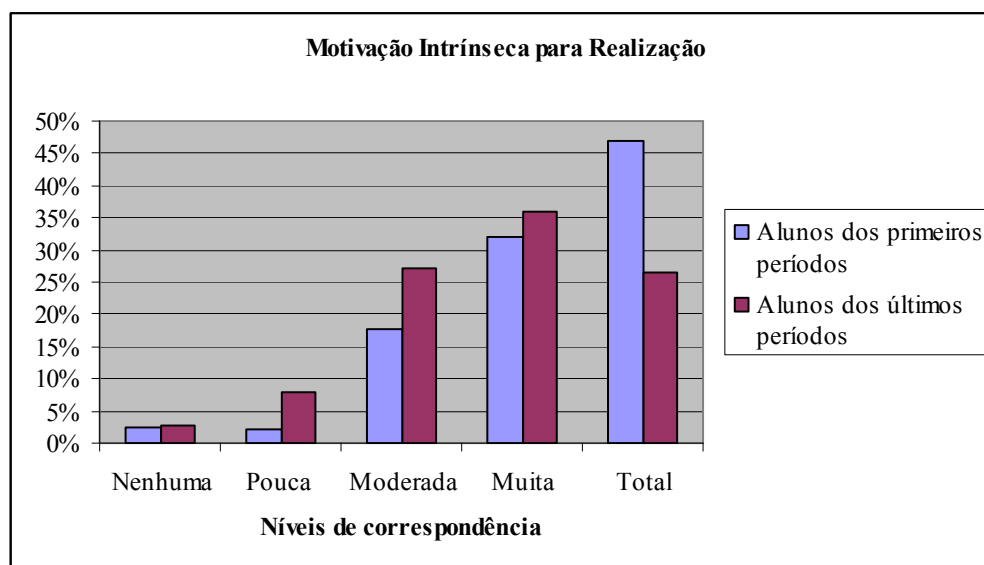


GRÁFICO 6: Níveis de correspondências atribuídos pelos respondentes para afirmativas relacionadas à Motivação Intrínseca para Realização

Fonte: Elaboração Própria

As respostas para as afirmativas relacionadas à Motivação Intrínseca para Realização dos alunos dos períodos iniciais apresentam percentuais crescentes, culminando no nível de “Total Correspondência”. A classe modal do grupo de alunos dos períodos mais adiantados do curso corresponde à alternativa “Muita Correspondência”.

Assim como no caso da Motivação Intrínseca para Vivenciar Estímulos, esse resultado desperta a atenção quando se analisam os conteúdos das afirmativas apresentadas aos respondentes, e que se relacionam com sua crença que o ensino universitário ou o curso escolhido contribuirão para seu ingresso no mercado de trabalho e para fomentar sua competência profissional: “porque acho que a formação universitária ajuda a me preparar melhor para a carreira que escolhi”; “porque o curso me capacitará, no final, a entrar no

mercado de trabalho de uma área que eu gosto”; “porque isso me ajudará a escolher melhor minha orientação profissional” e “porque eu creio que a formação universitária aumentará minha competência como profissional”.

4.7 Motivação Intrínseca para Saber

As afirmativas que correspondem à Motivação Intrínseca para o Saber são: “porque sinto satisfação e prazer enquanto aprendo coisas novas”; “pelo prazer quando descubro coisas novas a quais nunca tinha visto ou conhecido antes”; “pelo prazer que tenho em ampliar meu conhecimento sobre assuntos que me atraem” e “porque meus estudos permitem que continue a aprender sobre muitas coisas que me interessam”.

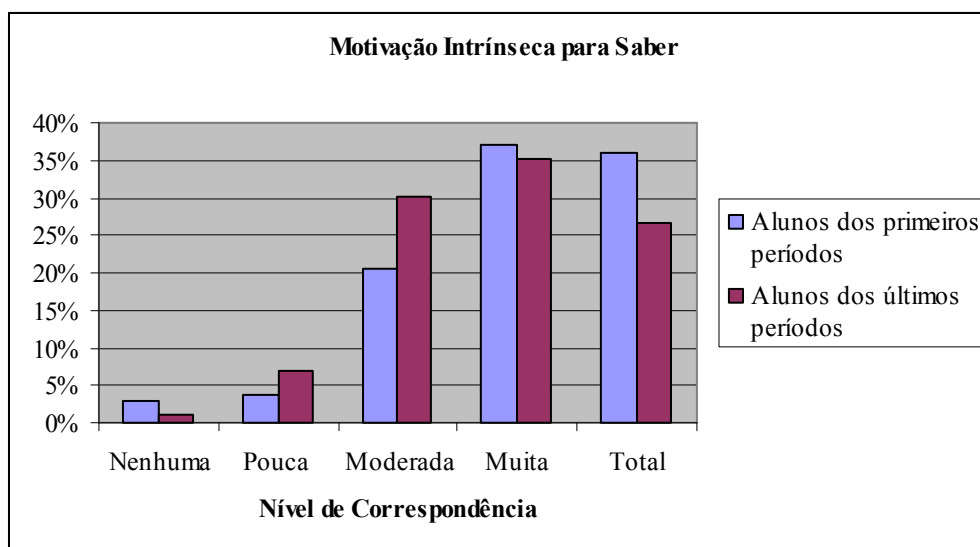


GRÁFICO 7: Níveis de correspondências atribuídos pelos respondentes para afirmativas relacionadas à Motivação Intrínseca para Saber

Fonte: Elaboração Própria

As afirmativas relacionadas à Motivação Intrínseca para Saber tiveram como respostas predominantes entre os acadêmicos de ambos os grupos a alternativa “Muita Correspondência”, com percentuais de 37% e 35%, respectivamente, para alunos de períodos iniciais e de períodos mais adiantados do curso. As distribuições mostram ainda grandes concentrações de respostas nos níveis mais altos da escala.

Esse resultado é bastante interessante, visto que esse tipo de motivação relaciona-se com a satisfação e o prazer em aprender coisas novas, em ampliar o conhecimento, em fazer novas descobertas. É um indicativo importante de que os acadêmicos mostram-se intrinsecamente motivados para aprender novos assuntos que os atraem e os interessam.

5. CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo analisar o nível de motivação de estudantes dos primeiros e dos últimos períodos do ano de 2008, do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, de Minas Gerais. Os resultados se referem às respostas de 110 dos 131 acadêmicos que compunham essa população de estudo.

Os resultados revelaram, de forma geral, alto grau de motivação dos acadêmicos com o curso, conforme os níveis de correspondência das respostas fornecidas: 3 de “Total Correspondência”, 7 de “Muita Correspondência” e apenas 2 de “Moderada Correspondência”. Houve grande predominância das respostas de ambos os grupos com o nível de “Nenhuma Correspondência” para com a Desmotivação.

A comparação entre os grupos mostra que as classes modais dos níveis de correspondência foram coincidentes em quatro dos sete tipos de motivação analisados. Nos demais, a diferença foi de apenas um ponto na escala. Desperta a atenção, contudo, verificar que os alunos dos primeiros períodos apresentaram maior nível de motivação em todas as modalidades analisadas.

A análise das repostas não revela haver ênfase em uma das modalidades de motivação – extrínseca ou intrínseca – por um dos dois grupos de alunos. Também não se verifica uma transição de elementos da “motivação extrínseca” para a “motivação intrínseca”, como talvez se poderia esperar em função do suposto aumento do grau de maturidade dos acadêmicos.

De outra forma, observa-se uma coincidência na aderência das respostas dos grupos com os diversos tipos de motivação. As respostas apresentaram os maiores níveis de correspondência com a Motivação Extrínseca por Controle Externo, cujas afirmativas remetem à necessidade do diploma para a realização pessoal: ocupação bem remunerada, bom nível de vida, prestígio.

Verifica-se também grande aderência com a Motivação Interna para a Realização. Os elementos das afirmativas respectivas relacionam-se com a crença dos alunos na contribuição do curso para sua formação, ingresso no mercado de trabalho e competência profissional. Destaca-se, contudo, que essa “crença” é maior no grupo dos alunos dos períodos iniciais em comparação com aqueles que cursam períodos mais adiantados.

Ressalta-se a constatação de elevados níveis de correspondência com a Motivação Intrínseca para Saber. Nesse tipo de motivação o interesse pessoal está na atividade em si mesma. É uma motivação autônoma, identificada com maior qualidade no aprendizado, maior persistência e melhor ajuste psicológico dos aprendizes. Em contrapartida, as respostas foram menos aderentes com a Motivação Intrínseca para Vivenciar Estímulos, cujas afirmativas relacionam-se com o prazer do aluno com a universidade.

Uma análise geral dos resultados mostra resultados positivos, com altos níveis de motivação por parte dos alunos de diferentes estágios do curso. Mas também despertam pontos que merecem atenção. Como os menores níveis de motivação dos alunos de períodos mais adiantados do curso, comparados com alunos de períodos iniciais. E uma menor motivação com elementos ligados ao prazer com a universidade (extrínsecos e intrínsecos). Alertam para a necessidade de um esforço conjunto da coordenação e professores no sentido de gestão dos fatores que possam estar contribuindo para esse fenômeno.

A busca de conhecimento sobre a motivação dos acadêmicos do curso é uma importante medida de sua efetividade. Este estudo revela resultados importantes e sugere pesquisas futuras que busquem aprofundar as percepções e análises. Estudos que possam fornecer subsídios aos responsáveis e interessados em atingirem-se da melhor forma os propósitos a que os cursos superiores se destinam.

REFERÊNCIAS

- ACCETTA, Teresa Alexim de Sousa; QUELHAS, Osvaldo Luiz Gonçalves; ZOTES, Luis Peres. A Motivação de Pessoas como fator crítico para a garantia da qualidade em serviços: Um estudo de caso numa empresa de tecnologia da Informação. **Caderno de Pesquisas em Administração**. 2004. Disponível em: http://www.bdttd.ndc.uff.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1535. Acesso em: 16/abril/2008.
- ALVES, Bianca. **A Motivação Humana e as Organizações: Uma abordagem Fenomenológico- existencial**.1999.
- AGUIAR, Maria Aparecida Ferreira de. Psicologia Aplicada a Administração: São Paulo:Saraiva,2005
- BERGAMINI, Cecília Whitaker. **Motivação nas organizações**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1997.
- BZUNECK, José Aloyseo; GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. Estilos de professores na promoção da motivação intrínseca: reformulação e validação de instrumento. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v.23 n.4 Brasília out./dez. 2007.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem**. 20 ed. Petrópolis, Vozes, 1987.
- CARVALHO, Vânia Brina Corrêa de Lima. **Desenvolvimento humano e psicologia: generalidades, conceitos, teorias**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Administração de empresas: uma abordagem contingencial**. 3 ed. São Paulo: Makron Books, 1994.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução a teoria geral da Administração**. 5 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- DAVIDOFF, Linda L. **Introdução a Psicologia**:3 ed. São Paulo:Makron Books, 2001.
- DECI, E. L. e RYAN, R. M. **Intrinsic motivation and self-determination in human behavior**. New York: Plenum, 1985.
- FERNANDES, Helder Miguel; RAPOSO, José Vasconcelos. **Continuum de Auto-Determinação: validade para a sua aplicação no contexto desportivo**. Natal v.10 n.3 Natal set./dez. 2005Estud. psicologia.
- GAGNÉ, Robert M. **Como se realiza a aprendizagem**: tradução Therezinha Maria Ramos Tavar; Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos.
- GIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de pesquisa social.4 ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini; BZUNECK, José Aloyseo; BORUCHOVITCH, Evely. Estilos motivacionais de professores: propriedades psicométricas de um instrumento de avaliação. **Psicologia: Teoria e pesquisa**. v.19 n.1 Brasília jan./abr. 2003
- GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini; BORUCHOVITCH, Evely. O estilo motivacional do professor e a motivação intrínseca dos estudantes: uma perspectiva da Teoria da Autodeterminação. **Psicologia, Reflexão e Crítica**. vol.17 no. 2 Porto Alegre 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-79722004000200002. Acesso em: 16 Abr. 2008
- HUNTER, Madeline. **Teoria da motivação para professores: um livro programado**; tradução Marília Conter Ribeiro e Anna Lucia de Queiroz Oliveira, Petrópolis, Vozes, 1982.

- LÉVY, Leboyer Claude. **A crise das motivações** tradução Cecília Whiataker Bergamini, Roberto Coda.. São Paulo: Atlas, 1994.
- MALAVASI, Letícia de Matos; BOTH, Jorge. Motivação: uma breve revisão de conceitos e aplicações. Revista Digital - Buenos Aires - Ano 10 - N° 89 - Outubro de 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd103/motivacao.htm>. Acesso em: 23 out. 2007.
- PIAGET, Jean e GARCIA, Rolando. **Psicogênese e História das ciências**. Lisboa: Dom Quixote, 1987.
- PENNA, Antonio Gomes. Introdução a Motivação e a Emoção: Rio de Janeiro. Imago, 2001.
- REIS NETO, Mario Teixeira Reis. **A remuneração variável na percepção dos empregados e sua conseqüências na motivação e no desempenho**. 2004. 288p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2004
- RIBEIRO, Raquel; ANDRADE, Jairo Eduardo Borges; MARCIANO, João Luis Pereira. Motivação para aprendizagem Informal no Trabalho. Enanpad, 2005
- SAMPAIO, Jader dos Reis. **Voluntários: um estudo sobre a motivação de pessoas e a cultura em uma organização de terceiro setor**. 2004. 255 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, 2004.
- SOBRAL, Dejanio T. Motivação do aprendiz de Medicina: uso da escala de motivação acadêmica. Psicologia teoria e Pesquisa. v.19 n.1 Brasília Jan/Abr.2003
- SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. História da Psicologia Moderna: Tradução: Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. 5 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- WITTER, Porto Geraldina; LOMÔNACO, José Fernando Bitencourt. **Psicologia da Aprendizagem**: 9 ed. São Paulo: EPU, 1984.

APÊNDICE 1

Usando a escala abaixo, indique em que extensão cada um dos itens corresponde, atualmente, a uma das razões pelas quais você vem à Universidade.

- | Nenhuma | Pouca | Moderada | Muita | Total |
|------------------------|------------------------|------------------------|------------------------|------------------------|
| Correspondência | correspondência | correspondência | correspondência | correspondência |
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
1. Porque preciso do diploma, ao menos, a fim de conseguir uma ocupação bem remunerada no futuro.
 2. Porque sinto satisfação e prazer enquanto aprendo coisas novas.
 3. Porque acho que a formação universitária ajuda a me preparar melhor para a carreira que escolhi.
 4. Porque gosto muito de vir à Universidade.
 5. Honestamente, não sei: acho que estou perdendo meu tempo na Universidade.
 6. Pelo prazer que sinto quando supero a mim mesmo nos estudos.
 7. Para provar a mim mesmo que sou capaz de completar o curso.
 8. A fim de obter um emprego de prestígio, no futuro.
 9. Pelo prazer que sinto quando descubro coisas novas, que eu nunca tinha visto ou conhecido antes.
 10. Porque o curso me capacitará, no final, a entrar no mercado de trabalho de uma área que eu gosto.
 11. Porque pra mim a Universidade é um prazer
 12. Já tive boas razões para isso; agora, entretanto, eu me pergunto se devo continuar.
 13. Pelo prazer que sinto quando supero a mim mesmo em alguma de minhas realizações pessoais.
 14. Por causa do fato que me sinto importante quando sou bem sucedido na Universidade.
 15. Porque quero levar uma boa vida no futuro.
 16. Pelo prazer que tenho em ampliar meu conhecimento sobre assuntos que me atraem.
 17. Porque isso me ajudará a escolher melhor minha orientação profissional.
 18. Pelo prazer que tenho quando me envolvo em debates com professores interessantes.
 19. Não atino (percebo) porque venho à Universidade e, francamente, não me preocupo com isso.
 20. Pela satisfação que sinto quando estou no processo de realização de atividades acadêmicas difíceis.
 21. Para mostrar a mim mesmo que sou uma pessoa inteligente.
 22. A fim de ter uma boa remuneração no futuro.
 23. Porque meus estudos permitem que eu continue a aprender sobre muitas coisas que me interessam.
 24. Porque eu creio que a formação Universitária aumentará minha competência como profissional.
 25. Pela euforia que sinto quando leio sobre vários assuntos interessantes.
 26. Não sei, não entendo o que estou fazendo na Universidade.
 27. Porque a Universidade me permite sentir uma satisfação pessoal na minha busca por excelência na formação.
 28. Porque quero mostrar a mim mesmo que posso ter sucesso nos meus estudos.